

FICÇÃO CIENTÍFICA E A REALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE EM *HIGH LIFE* (2018)

VICENTE PEDRO DA SILVA NETO¹; HENRIQUE MONTEIRO PALIARI²; MARIANA DE OLIVEIRA REGO FARIAS³; TUÂN LANGONI NUNES⁴; ROBERTO MIRANDA COTTA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas. Email: vicenteneto590@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas. Email: hmonteiropaliali@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas. Email: marifarias1996@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas. Email: tuanlangoninunes@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas. Email: robertormotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal investigar a visão de sociedade proposta por Claire Denis na ficção científica *High Life* (2018). O filme, que estreou no Festival Internacional de Cinema de Toronto, acompanha uma equipe composta por prisioneiros do corredor da morte que foram enviados para o espaço com uma missão de tentar captar energia de um buraco negro como forma gerar energia renovável para a Terra.

A obra representa o ser humano em uma situação adversa, num cenário em que os tripulantes são forçados a seguir seus próprios instintos, a Dra. Dibs (Juliette Binoche) é a figura de máxima autoridade na nave e tem poder sobre todos. Em virtude da privação da liberdade e das constantes violações da cientista, os desejos e funções carnais dos corpos dos tripulantes são aflorados e postos em destaque no filme. O ser humano é fruto dos seus instintos e refém dos seus impulsos? A ruína do ser humano é o próprio ser humano? Esses são os questionamentos norteadores do presente artigo.

Usando o filme como ponto de partida, este texto discutirá alguns dos principais pontos da humanidade e sua identidade como sociedade. Usando os pontos de narrativa, a personalidades e ações dos personagens como figuras as quais exemplificam os pontos debatidos. Além de fazer conexões com eventos históricos reais, como o de mandar presos e criminosos para outras terras, durante a época das grandes navegações e como o filme se apropria de tal fato para fazer uma crítica ao estado social atual da humanidade. Ademais, usando o ponto de partida inicial do filme em conjunto com o texto de BRAIDOTTI para explorarmos a degradação da sociedade contemporânea e como nossos medos e visão pessimista de futuro são espelhados nas obras que produzimos.

2. METODOLOGIA

Para chegar às conclusões apresentadas neste texto foram usados três métodos: análise filmica da obra - assistimos ao filme anotando nossas impressões e aspectos do mesmo; pesquisa e comparação - traçamos comparações entre o longa e outras produções do gênero ficção científica (livros e filmes), anotando os aspectos similares e complementares entre as obras; e, por fim, a discussão entre os pares - foi discutida a visão de cada um dos autores e suas referências pessoais foram utilizadas.

A base teórica se ancora em BRAIDOTTI; MACKEY e SENDUR que falam sobre o futuro do planeta e essa mudança humana no mundo. VIEIRA JR. que dialoga

sobre traços estéticos sobre cinemas e seu poder em cena e NORONHA que aborda a vertente histórica, usando o império brasileiro como comparação com o filme.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *High Life*, o planeta está em estado de degradação avançado, o que conversa com a ideia de futuro sombrio tratada por BRAIDOTTI (2019) apud MACKEY e SENDUR (2023):

A diferença crucial no século 21 é que o “trauma” produzido pela consciência da metade do século passado sobre a possibilidade de extinção humana por meio da aniquilação nuclear se alterou para uma distinta preocupação da era antropocentrista com nossa posição precária entre a “quarta revolução industrial” e a “sexta extinção (p. 265)” (tradução livre)

O trecho evidencia os desdobramentos da real possibilidade de extinção humana - causada pelo próprio homem - sobre a forma contemporânea de ver o mundo.

No longa, o interior da nave espacial funciona como um microcosmo da sociedade contemporânea, porém também dialoga com a do século XIX. Nessa época, os presos deixavam de ser um custo a ser mantido e tinham a opção de adquirir uma certa liberdade em troca de trabalho. Os prisioneiros não eram tratados como indivíduos e sim como uma matéria prima para a sociedade. Como Portugal em séculos anteriores precisou do degredo para atender a diversas necessidades do Império, no Brasil independente, esses condenados foram úteis, não mais como degradados, mas como mão-de-obra gratuita do Estado (NORONHA, p. 4)

Ademais, os tripulantes parecem ser resumidos aos seus instintos e desejos, servindo como cobaias para os experimentos da Dra. Dibs, que tem uma obsessão pela possibilidade da procriação e fertilização humana no espaço. Por conta disso, o objetivo da missão, checar a condição de extrair energia do movimento rotacional de um buraco negro, fica sempre em segundo plano, quase parecendo ter sido esquecido.

Depois de diversas tentativas de gerar vida naquele ambiente terem falhado (por conta da radiação, os bebês são natimortos), Dibs, por meio de violações constantes dos corpos dos tripulantes, parece ter obtido êxito: um bebê sobrevive. Apesar disso, a missão da cientista perde total propósito quando encaramos que a humanidade não terá salvação. Ao que sabemos, não há evidências de sobreviventes na Terra e, quando um dos últimos eventos do filme é apresentado, acabamos de vez com qualquer otimismo e esperança com relação à sobrevivência humana. Monte (Robert Pattinson) e Willow (Jessie Ross) encontram uma nave similar à deles, flutuando no espaço. Contudo, dentro dela, restam apenas cães - outra analogia à essência selvagem e instintiva do homem, tanto reforçada ao longo da obra, como discutimos a seguir.

Uma vez que uma nave igual à deles é encontrada por Monte e sua filha, os personagens e nós percebemos que as duas tripulações não são tão diferentes. Uma vez que neste contexto os seres humanos estão passando por algo parecido com o que humanidade fez com os cães na antiguidade: forçou cruzamentos entre espécies para criar um ser que tivesse as características desejadas, como citado por Stephen Alvarez em seu texto para National Geographic¹. No filme, a condição desejada seria conseguir resistir às condições adversas de radiação da nave.

¹ Cão Doméstico por Steohen Alvarez: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/cao-domestico>

Além disso, o foco dado aos fluidos corporais e às cicatrizes dos personagens parece querer chamar a atenção ao que o ser humano possui de mais animalesco, ou até de monstruoso. Mackey e Sendur (2023), ao analisarem aspectos pós-humanistas da obra, implicam que:

A falta de integridade representada pela cicatriz de Dibs é cuidadosamente examinada pela câmera de Denis por meio de um close-up em movimento de pan [...]. Entretanto, Denis mostra não apenas o corpo poroso, impróprio e que extravasa fluidos de Dibs como uma mãe monstruosa; mas quase todo corpo no longa é filmado para revelar suas cicatrizes, feridas e imperfeições. Dessa forma, esses corpos, com suas cicatrizes e vazamentos, já ameaçam a concepção do ser intacto e unitário, um pré-requisito para a mente cartesiana. Ao invés disso, nós temos corpos monstruosos que vazam leite e sêmen, e sangue e pus, nos lembrando constantemente da insustentabilidade da unidade do indivíduo. (tradução livre)

Os autores também abordam a desconformidade da representação da maternidade no filme, dissecando a personagem da Dra Dibs - a única que deseja criar e cuidar de uma nova vida - em sua construção parcialmente monstruosa, parcialmente bruxa, feminina e masculina. A mulher que mata seus próprios filhos - tal qual Medeia² - é aquela que, simultaneamente, tem como objetivo central na narrativa garantir a fertilidade e procriação humana no espaço.

Em contrapartida, o personagem de Robert Pattinson apresenta um lado de pudor e centralidade quando está sendo coagido. Além disso, Monte apresenta um instinto paterno e, apesar de toda a situação degradante da nave, faz de tudo para que sua filha possa ter o mínimo de conforto. Como destaca Bowlby (1988) "Todo ser humano, desde o nascimento, carrega consigo a necessidade de se apegar e buscar segurança em figuras protetoras, um instinto que garante a sobrevivência e o bem-estar de sua descendência". Nesse sentido, o filme aborda o instinto específico ao ser humano de cuidar de sua descendência.

Com um final, consideravelmente, aberto, o filme encerra com Monte e sua filha ainda na nave, não deixando claro sobre seu destino final e qual desenrolar da sua história. Entretanto, se apresenta de modo não claro a ideia da degradação humana, com planos mais fechados e cores mais sólidas puxando para o azul, o filme encerra essa construção de modo em que perguntas sobre a situação humana também fique para o telespectador. Na análise de Erly Vieira Junior fica nítido esse controle que o cinema tem de levar o público para o caminho desejado, sem nem ao menos mostrar tal

Alguns planos mais aproximados sugerem uma tatividade da imagem, e o desenho de som, mesclando em sutis graduações os ruídos das explosões projetadas com os sons da partida de futebol e o ambiente da floresta, conduz a outra experiência auditiva, em que os sons pedem para serem desvendados cuidadosamente.

4. CONCLUSÕES

Concluímos que a diretora expressou um ponto de vista filosófico sobre a humanidade que desafia o antropocentrismo. Ou seja, a superioridade do ser humano

² Medéia, no sistema mitológico da Antigüidade, é a mulher bárbara que, para ultrajar o marido infiel, afronta às leis humanas e divinas, matando os próprios filhos. (Dutra ano)

é posta em xeque quando entendemos que suas escolhas serão responsáveis pelo seu próprio fim.

Estendendo a reflexão às problemáticas contemporâneas, é possível fazer o seguinte paralelo: ao mesmo tempo que entendemos que drásticas mudanças comportamentais precisam ser feitas para possibilitar a permanência de nossa espécie na Terra, continuamos escolhendo priorizar os nossos desejos e benefícios imediatos.

High Life cria um universo paralelo muito bem fechado trazendo diversas questões e singularidades, como o humano em seu limite, a maternidade, abuso de poder e outras diversas questões trabalhadas neste texto. Entretanto é possível analisar que durante o desenrolar o ser humano foi o maior inimigo de si mesmo, a Dra. Dibs abusou de mais de um tripulante, matou seus próprios filhos e abusou fisicamente de diversas pessoas na nave, assim exemplificando que naquele microecossistema o ser humano era o maior vilão de si mesmo. Correlato a isso, os objetos de pesquisa do filme sofreram a experiência de ter que ser refém de si mesmos, tendo diversos resultados de análise, chega a noção que o ser humano segue seus impulsos naturais, mas eles podem ser positivos como o caso do Monte que ao nem saber que a criança era sua filha já cuidava de tal com zelo e um cuidado de um pai com sua filha.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, S. **Cão doméstico**. NATIONAL GEOGRAPHIC,. Acessado em 22 set. 2024. Online. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/cao-domestico>

BOWLBY, John. **Uma base segura: apego entre pais e filhos e desenvolvimento humano saudável**. Nova Iorque. Artmed. 1988

BRAIDOTTI, R. **Conhecimento pós-humano**. Medford, MA: Polity. 2019.

MACKEY, A; SENDUR, E. **Coming to Terms with Our Own Ends: Failed Reproduction and the End of the Hu/man in Claire Denis' High Life and Pella Kågerman and Hugo Lija's Aniara**. Bloomsbury Academic eBooks. p. 262-280, 2023.

McNARY, D. **High Life, Starring Robert Pattinson and Juliette Binoche, Nabbed by A24**. VARIETY, 12 set. 2018. Acessado em 20 ago. 2024. Online. Disponível em: <https://variety.com/2018/film/news/high-life-bought-a24-robert-pattinson-juliette-binoche-1202939713/>

NORONHA, Fabrícia. **O império dos indesejáveis: uma análise do degredo e da punição no Brasil império**. Em Tempo de Histórias, [S. l.], n. 08, 2011. DOI: 10.26512/emtempos.v0i08.20123. Acesso em: 20 ago. 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20123>.